



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 14, n. 1/2, jan./dez., 2008

Conspiração de nuvens

JOSÉ MÁRIO DA SILVA

Universidade Federal de Campina Grande

TELLES, Lygia Fagundes. **Conspiração de Nuvens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Li, de um fôlego só, o livro *Conspiração de Nuvens*, no qual a escritora Lygia Fagundes Telles se mostra a escritora superlativa de sempre. Delicada no enfrentamento dos temas, até os mais dolorosos. Solene na captação exata de uma forma perfeita. Íntima das palavras, dona de inconfundível estilo. Casa da alma, no dizer poético-filosófico de Agostinho, teólogo da graça, a memória, com as suas zonas de clareza e opacidade, finda se constituindo no conjunto diversificado de todas as nossas experiências, solo escorregadio e atraente onde vamos garantindo as formas impalpáveis da nossa sempre fugidia constituição identitária.

Conspiração de Nuvens, a meu ver, é um mosaico de vivências que deram, e dão, substância a uma memória e a uma identidade chamada Lygia Fagundes Telles. Identidade e memória tecida, e destecida, no corpo deslizante das palavras, senha única a nos garantir o acesso mais pleno ou o distanciamento mais radical do universo do que, na falta de melhor rótulo, chamamos de realidade.

Aqui, nesse lírico incursionamento do eu pelo palco da sua própria história, existencial e literária, face/contraface/disfarce de um mesmo amálgama humano-estético, vivido ou inventado, Lygia Fagundes Telles reafirma, como quem porta infrangível crença no poder da literatura, o seu pacto de cumplicidade com a linguagem, em cujo estuário ela se oferta e se oculta, deixando, por fim, ao leitor, a tarefa última de entabular, perplexo, os provisórios, sempre, gestos da interpretação.

Conspiração de Nuvens, terceiro volume da sua fascinante memorialística, sendo a *Disciplina do Amor e Invenção* e *Memória* os outros dois, no zigzaguar aparentemente desconexo do circunstancialismo das suas cenas e paisagens, vai compondo, com delicada poesia, um painel de motivos e espaços que, urdidos e bem cor-

relacionados, cartografam o amplo temário e a definida, mas não definitiva, cosmovisão da grande criadora de *As Meninas*.

O espaço privilegiado do seu híbrido tecido ficcional é, privilegiadamente, o Brasil real, que, longe da euforia idealista da oficialidade manipulatória, nunca logra escamotear as imensas chagas sociais que lhe emprestam, e desfiguram, a fisionomia dolorosa e a nervura essencial de país subdesenvolvido; país eternamente do futuro, sem notas auspiciosas em seu presente, mas sempre em dia com as suas resistentes, e quase insuperáveis, formas de mobilização do atraso.

É aqui, nesse interlúdio crítico marcado por acendrada consciência social, que a literatura produzida por Lygia Fagundes Telles confere, como ela mesma gosta de afirmar, em postura ostensivamente metalingüística, voz a quem não a possui e grito agoniado de cidadania a quem dela se acha destituído nestes turbulentos tempos de predatória e desumanizadora globalização. É por aí que transitam textos como “Eu voltarei” e “É carnaval”. No primeiro, a partir de uma inscrição posta no muro de um cemitério, a autora reflete sobre as desrazões da nossa moribunda civilização; com o sepultamento das esperanças e a desapareição melancólica das grandes ou pequenas utopias. Tudo, afinal, tragado pelas engrenagens perversas de um mundo enfermo e sem aura.

Ecoam, no elegíaco canto entoado pela escritora paulista, os abismos sem cura de uma cidade traumatizada por toda espécie de barbárie: da violência sem controle e banalizada, às agressões ecológicas de variegado matiz; da espetacularização de tudo, com o triunfo das eventologias mercadológicas, à completa falência das instituições políticas, atoladas, para lá do pescoço, numa lama e corrupção tão recorrentes que se glamurizam e findam virando motivo de piada, ali-

mentada pelo mórbido riso de quem parece já se ter acostumado a não exercer nenhum vestígio de dignidade: o povo; do consumismo narcotizador da sensibilidade, à vulgaridade de quem, tendo perdido a capacidade do discernimento, diluiu todas as fronteiras no culto ingênuo, e interesseiro, dos (des)valores da geléia geral contemporânea.

No texto “É carnaval”, o dialético olhar da escritora vai transitando da dimensão celebratória da famosa e popular festa profana, aos desencaminhamentos da vida cotidiana brasileira, com os seus insuperáveis desajustes. A tonalidade nostálgica que percorre o texto vai, diria Alfredo Bosi, cultivando, sem nenhum vestígio reacionarista, acionando os vetores da saudade de um tempo considerado melhor que o de agora.

Lygia Fagundes Telles incursiona ainda pelos desvãos secretos da mitologia familiar, com os seus enigmas, códigos de honra, preconceitos e afetos, e, desse casulo prenhe de fascinantes e perigosas relações intersubjetivas, emerge a figura comovente e dramática da bela Elzira, e o seu romance fracassado, vencido pelas interdições intransponíveis do convencionalismo provinciano. Elzira salta do factualismo denotado da história e eterniza-se, na recriação postulada por Lygia Fagundes Telles, como uma autêntica, e sofrida, (anti)heroína romântica, que não ultrapassa a casa dos vinte anos de idade, morre virgem, tuberculosa e carregando no peito a tocha viva de um amor ardente e absolutamente irrealizado.

Conspiração de Nuvens desbrava, de igual modo, o misterioso e sedutor universo da criação literária, suas etapas constitutivas, do momento exato em que a centelha da inspiração se ilumina nos abismo do inconsciente do artista, até o instante mágico-agônico, em que a palavra, obsessivamente perseguida e capturada, se plasma, no coração embranquecido de uma página, e vira enredo, sonho, denúncia, beleza, sedução, memória, tempo e eternidade, revolvendo-se, quase indiscernível, na materialidade concreta deste grande sortilégio humano chamado linguagem, casa do ser no dizer poético-filosófico de Martin Heidegger.

No ato-processo criador de Lygia Fagundes Telles, pelo que se depreende das suas ficcionais confissões, tudo/nada se pode converter em matéria estética: uma notícia esparsa e despretençiosa de jornal, um resquício de frase solto em alguma indefinida conversação, uma imagem cotidiana que, sem pedir licença, se enclausurou em algum porão do nosso indecifrável mundo psíquico; e, óbvio, a imaginação, esse indomável pássaro que trazemos dentro de nós, e com cujas asas percorremos novos e inexplorados mundos. Aqui, a literatura recusa as estreitezas da vida dita real e alarga, libertariamente, o seu compasso semântico, de modo a forne-

cer ao homem o escapismo, a fantasia, a evasão.

A ficção de Lygia Fagundes Telles alimenta-se desse repasto e, ao libertar-se do agente empírico que a gestou, indo ao encontro do horizonte recepcional produzido pelo gesto semiótico concreto da leitura, passa a gerar uma gama variada de significações, atingindo o estatuto da *Obra Aberta*, sobre a qual nos falou Umberto Eco. É quando o texto literário, como nos assevera Lygia Fagundes Telles em “Bolas de Sabão”, transforma-se num território de perplexidades, pródigo de perguntas e rico de respostas, que, provisórias todas, ainda bem, jamais lograr atingir o cerne e a nervura essencial deste grande ponto de interrogação chamado ser humano.

Em seu livro *Seis Propostas Para o Novo Milênio*, Ítalo Calvino (1990, p. 73.) afirma que “a literatura (e talvez somente a literatura) pode criar os anticorpos que coíbam a expansão da peste da linguagem”. Peste que a encapsula em formas fossilizadas do dizer, carnadura seminal das ideologias, e, assim, findam invisibilizando o real, mergulhando-o nas águas turvas dos discursos da massificação e manipulação. Nesse patamar de uma literatura assumidamente questionadora da ordem instituída, Lygia Fagundes Telles flagra o uso hegemônico de palavras, que, de tão repetidas, já dizem pouco ou quase nada: “Denúncia, Evento e Imperdível”.

Cedamos a palavra à escritora: “evento é outra palavra flutuando na ventania, tudo é evento, a festa e o espetáculo, o batizado e a morte, até a morte? A morte sim, não esquecer a jovem conversando com a amiga no elevado. Hoje não vou cinema porque surgiu um evento, morreu meu tio e o enterro é agora”. À banalização da linguagem, corresponde a banalização da vida, dos afetos e relações intersubjetivas. Se “quem diz flor não diz tudo/ quem diz dor diz demais/ o poeta se torna mudo/ sem as palavras reais”, conforme os versos de Ferreira Gullar, a literatura de Lygia Fagundes Telles e *Conspiração de Nuvens* somente vêm ratificar, fazendo-se e consolidando-se, pela busca das palavras reais, exatas, que, por um lado, se bastam a si mesmas, na força estética da sua dimensão expressiva, e, por outro, também se constituem em permanente ponte de comunicação com um mundo visceralmente enfermo.

É quando as funções lúdica e pragmática da literatura consorciavam-se, e a artista da palavra segue cumprindo, a despeito dos perigos inerentes a todas as repúblicas, a sua indispensável função humanizadora. Impregnada pela ânsia de liberdade e indeslindavelmente comprometida com o senso de justiça, valores que, desde cedo, se fizeram “as suas afinidades eletivas” inseparáveis, Lygia Fagundes Telles faz da literatura a sua vocação mais imperiosa e destino mais consagrado. Se, como diz Fernando Pessoa, “tudo vale a pena/ se a alma

não é pequena”, decerto terá valido a pena para a escritora Lygia Fagundes Telles esta inarredável fidelidade a si mesma, pois, como ela mesma afirma, citando Camões : “Estou em paz com a minha guerra”.

Discorrendo sobre Machado de Assis, Lygia Fagundes Telles aponta o fato de a ficção do Bruxo de Cosme Velho se operacionalizar como uma espécie de coágulos de sombra, bela e acertada metáfora para encarecer o que nela há de imprevisibilidade e assumido pacto com as desafiadoras poéticas da ambigüidade e do “estilo penumbroso”. Quando tudo parece confinado nas conhecidas travessias da rotina, eis que surge, como “uma delicada e perversa névoa”, o inconfundível timbre de uma literatura pródiga em desestabilizar a aparentemente segura ordem natural das coisas. A esse respeito, Antonio Candido afirmou que Machado de Assis era um terrorista disfarçado de diplomata, ocultando-se, nas malhas de uma ática e bem comportada escrita, um escritor poderoso e demolidor das estruturas carcomidas da sociedade brasileira oitocentista.

Pois bem. A digressão argumentativa tem a sua razão de ser. “Coágulos de sombra, névoa delicada, mas perversa, penumbroso estilo” são imagens eloqüentes e muito consentâneas com as narrativas engendradas por Lygia Fagundes Telles. Com uma linguagem que adere e, ao mesmo tempo, subverte o real, transfigurando-o até os limites mais descarnados da opacidade completa, Lygia Fagundes Telles pertence à família dos introspectivos e intimistas, menos preocupada com o ziguezaguear cinematográfico das ações que com os escaninhos mais indevassáveis da vida interior das ricas e atormentadas personagens desentranhadas da sua criativa imaginação.

É nos bastidores invisíveis da alma humana que a escritora paulista acende os poderosos radares da sua perquiridora literatura. E é neles que ela flagra as motivações mais secretas e os becos mais escuros da indecifrável condição humana. Em “O direito de não amar”, Lygia Fagundes Telles esculpe-nos o quadro atormentado de uma personalidade incapaz de conviver com a não correspondência do amor de uma mulher. Cartografa-nos o perfil de uma alma marcada pela inabilidade existencial para aceitar a derrota e, ato contínuo, aprender a dolorosa, mas necessária, pedagogia da renúncia. Lembramo-nos, de pronto, da patológica figura de Carlos, personagem de “Venha ver o pôr do sol”, roído pelo

desespero do fracasso amoroso, destruído pelo irreprimível desejo de vingança.

Em “Era uma noite fria”, o encontro, fortuito, da escritora, com um solitário e desamparado cão, rende uma das páginas mais ternas e comoventes da admirável *Conspiração de Nuvens*, arquitetada pela competente criadora de *As Horas Nuas*. O lirismo de que se impregna o texto parece querer acordar em nós o milagre do afeto e o dom da compaixão, nestes tempos em que brutalidade dos comportamentos insiste em dar a régua e compasso das atribuladas relações humanas.

O motivo da viagem, a meditação sobre a morte, a poesia da amizade, a revisitação da infância, a participação política, a convivência com a natureza, o ato-processo da criação literária, dentre outros temários, compõem outros desvãos e os múltiplos direcionamentos dessas nuvens conspiradoramente belas, que Lygia Fagundes Telles, para alegria dos que ainda acreditam no fascínio das “Altas Literaturas”, criou e que, como diria Goethe, constituem-se em eternas e sublimes “promessas de felicidade”.

Recebido em abril de 2008

Aprovado em maio de 2008

José Mário da Silva

Mestre em Literatura pela UFPB. Professor de Teoria da Literatura – UAL/CH/UFCG.

Endereço para correspondência:

Universidade Federal de Campina Grande; Unidade Acadêmica de Letras; Av. Aprígio Veloso, 882; Bodocongó; 58109-970 – Campina Grande, PB – Brasil.
